

A MOSCA DOURADA DA DIPLOMACIA

*Tawfik Bourgou**



Imagem gerada por IA.

O Qatar foi empossado por Washington como seu procurador e factótum no Oriente Médio, e os acontecimentos em Gaza e as relações com o Hamas forneceram a prova que faltava.

Os leitores de Émile Zola, aqueles que conhecem a história de Nana, entenderão o que esse personagem fictício foi para a boa sociedade parisiense do final do século XIX, saído diretamente da imaginação de Zola.

Nana, uma cortesã do submundo parisiense, partilhava as camas e as confidências dos homens mais poderosos. Ela ascendeu ao auge da boa sociedade na zona cinzenta da carne e da política. Nana era uma prostituta. Um jornalista fictício na obra de Zola deu-lhe o apelido de “A Mosca Dourada”, aquela que corrompe tudo o que toca e polui a moralidade e a ordem.

Mas o personagem de Zola não é estranho à realidade nem à política. É mais relevante do que nunca nas reviravoltas dos jogos e nas ações dos representantes e dos factótuns no mundo árabe desde 2011. Certos estados árabes terão sido moscas douradas, um em particular. Ele está para a diplomacia assim como Nana esteve para a virtude.

Nos últimos dias, o mundo descobriu, estupefato, o que noticiamos há quase 13 anos: o papel atribuído ao Qatar pela administração Obama. Esforçar-se-á pela destruição dos Estados através do financiamento da Irmandade Muçulmana e da infiltração nos sistemas

políticos e de segurança dos Estados. O Qatar financiou o Ennahdha¹ para demolir a Tunísia. Sem ordens de Washington, o microestado não teria ousado mover um cílio.

No financiamento das operações de demolição, nem uma única monarquia foi afetada. Relativamente ao financiamento oculto das “fontes desastrosas”, realizou-se uma reunião na Jordânia em 2011, na sequência dos acontecimentos na Tunísia, na Líbia e no Egito. Foi acordado entre o Qatar, Marrocos, Jordânia, os Emirados, a Arábia Saudita e o Kuwait atingir apenas as repúblicas. O Qatar foi empossado por Washington como procurador e factótum. Gaza e as relações com o Hamas forneceram a prova que faltava.

Uma pergunta vem imediatamente à mente: por que esse papel dado ao Qatar? A resposta é surpreendente e muito instrutiva: o Qatar foi investido por Washington com a missão de financiar o que chamamos de “ferramentas da guerra social híbrida”: o recrutamento de tropas jihadistas para transformar politicamente a Síria, para agir através da caridade e da religião, a fim de provocar uma mudança em direção a formas de organização social mais permeáveis aos projetos de transformação regional que Washington queria levar a cabo através de representantes.

Assim, visar a Tunísia era fornecer acesso à Líbia, e mais tarde à Argélia, como parte de um projeto transformacional sob a égide de uma “internacional” da Irmandade Muçulmana. A Síria transformada seria expurgada de elementos iranianos, preparando-se assim para um próximo passo mais amplo na engenharia regional do Oriente Médio.

O Hamas foi revelador deste jogo e sobretudo do grão de areia que bloqueou a mecânica do Qatar, factótum e subcontratante, e sobretudo ator de uma diplomacia de caridade religiosa transformacional.

Mas tudo isso não é novo. Também foi testado na Europa. Nos anos de 2007 a 2011, o Qatar já se tinha comprometido a se infiltrar nas minorias norte-africanas na França, oferecendo-se mesmo para fornecer fundos aos subúrbios pobres das grandes cidades francesas. Naquele momento, a interferência foi denunciada pelos franceses e Paris deu uma palmada nos dedos de Washington que, ao mesmo tempo que seu factótum do Qatar, se comprometeu a aproximar-se das “minorias” visíveis na França para ajudar os franceses a “geri-las melhor”.

Esta equipe lembra-nos muitas coisas na Tunísia. A chegada deste improvável casal Qatar-EUA e especialmente as recentes declarações do embaixador americano sobre os chamados “habitantes originais” da Tunísia, esquecendo que o primeiro habitante da Tunísia é Dhya, o Kahena e não Saadia.

A mosca dourada da diplomacia agiu sob ordens. Não há dúvida de que o golpe de Estado em Gaza e a deserção do Hamas trazem a Nana da diplomacia do Oriente Médio de volta à sua dimensão e ao seu protetor e a fazem meditar sobre a sua derrota moral.

Publicado no [Univers News](#).

**Tawfik Bourgou é cientista político e docente habilitado em conduzir investigações pela Universidade Jean Moulin Lyon 3. É membro do Conselho Científico do CF2R.*

¹ O Movimento Ennahda é um partido político da Tunísia surgido em 1981 com o nome de Movimento de Tendência Islâmica. Inspirou-se na Irmandade Muçulmana do Egito e na Revolução Islâmica do Irã de 1979.